

UMA PERSPECTIVA VIZINHA SOBRE O FASCISMO NO BRASIL



EU AMO O CHEIRO
DE POBRE MORTO
PELA MANHÃ!

**PUBLICACION
MADRE TIERRA**



MADRE TIERRA

Da leitura à ação. Da leitura à cumplicidade...

Madre Tierra é uma publicação anárquica que busca analisar a realidade na qual nos desenvolvemos, como também pontuar sobre temas que vão além de qualquer conjuntura. Assim, através da coletivização de argumentos e visões, buscamos contribuir ao debate e à discussão entre companheirxs anárquicxs. As ideias e práticas que confrontam o mundo da autoridade são o motor que impulsiona o avanço da guerra social, estão em constante tensão, combatendo a estagnação e a acomodação. Portanto, nos retroalimentar entre companheirxs nos parece de vital importância e aí buscamos contribuir.

Madre Tierra, leva o nome de uma antiga publicação anárquica editada por Emma Goldman, Louise Berger e Alexander Berkman, que apareceu pela primeira vez nos Estados Unidos em 1906. Através desta publicação, agitaram contra as prisões, a exploração do trabalho assalariado, as guerras capitalistas, o serviço militar, o patriotismo, etc.

A revista foi o veículo para diferentes campanhas de solidariedade, exigindo a libertação de diversxs companheirxs na prisão, alguns delxs condenadxs a morte, também através de suas páginas agitaram contra o militarismo e a enfermidade patriótica antes e durante a I Guerra Mundial.

Essas campanhas que hoje podem ser vistas como “inocentes” ou simples, significaram ameaças e castigos para xs companheirxs que elaboraram a publicação. Mas, diante do perigo, decidiram não interromper seu trabalho, foram perseguidxs, encarceradxs e finalmente expulsxs dos Estados Unidos. Nos unimos a essa inabalável ousadia de persistir.

Escolhemos o nome Madre Tierra porque aponta para um horizonte de libertação total, onde nos assumimos parte da

natureza, sem uma lógica antropocêntrica e hierarquizada, compreendendo a Libertação da Terra como um aspecto inseparável da Anarquia.

Madre Tierra também traz implícita a mensagem contra as fronteiras. A Terra é uma só, com diferentes caminhos e territórios, mas as fronteiras e países são apenas concepções do mundo autoritário.

Como indivíduos anárquicxs, não reconhecemos nada que provenha das lógicas autoritárias do Poder, suas bandeiras, escudos, culturas, esportes ou fronteiras não são nossa linguagem, nem elementos que nos deem um sentido comunitário, coletivo ou de pertencimento.

As fronteiras são funcionais às pretensões do domínio e, por trás delas, justificam-se guerras, invasões, genocídios, saques, etc., fatos que respondem apenas aos interesses do capital e dos poderosos. Dentro das delimitações territoriais de uma pátria, ergue-se um sentido nacionalista de grande importância, onde a defesa exacerbada de uma bandeira provoca o ódio ao estrangeiro ou sentimentos de superioridade.

Tudo isso apenas perpetua a existência da Autoridade e, como anárquicxs, avançamos decisivamente em direção à liberdade absoluta, sem bandeiras nem fronteiras que restringem nosso andar. Desde sempre xs companheirxs se encarregaram de levantar a prática internacionalista para combater o vírus patriota, fazendo do apoio mútuo e da solidariedade apátrida um conjunto de ações contra todo parasita nacionalista.

Esta nova publicação Madre Tierra nasce com o interesse de contribuir para que as ideias e práticas anárquicas se expandam e contagiem outras vontades. É vital a presença constante de material de propaganda circulando por todos os cantos possíveis, fazendo da palavra um de seus veículos mais poderosos para a proliferação de sentimentos antagônicos ao mundo da Autoridade.

Se hoje podemos viver decisivamente com ideias, convicções e valores que foram mantidos ativos em diferentes épocas e

lugares, é porque anos atrás outrxs companheirxs se encarregaram de propagá-los através dos meios que tinham ao alcance, utilizando-os como mais um elemento na extensa gama de ferramentas dispostas para a confrontação anárquica.

Aí reside a maior importância da propaganda: permitir a sobrevivência de uma ideia de libertação total capaz de cruzar quilômetros e tempos, que não se adequa às comodidades oferecidas pelo mundo do Poder, mas, ao contrário, onde quer que esteja, combate sem hesitação a maquinaria do domínio.

Madre Tierra / Septiembre negro, 2018.
[//publicacionmadretierra.noblogs.org/
publicacionmadretierra@riseup.net](http://publicacionmadretierra.noblogs.org/publicacionmadretierra@riseup.net)

MADRE TIERRA

publicación anárquica · Nº 1, Septiembre de 2018



O MESSIAS BOLSONARO: Brasil e a extrema direita no cone sul

A eleição do candidato de extrema direita Jair Bolsonaro no Brasil nos diz muito sobre o rumo do mundo, onde os diferentes ciclos de gerenciamento do capital e dos projetos do poder se espalham pelo mundo e, mais especificamente, na região. Os governos progressistas já cumpriram seu papel nos últimos 20 anos e o que deveria ser óbvio, mas o tratam como paradoxal, é que uma de suas funções parece que foi assegurar o terreno fértil para a ascensão de governos de extrema direita.



Para tentar entender bem o que está acontecendo, é necessário viajar no tempo e espaço, por distintos momentos da história mundial e por diferentes lugares, conhecendo assim estratégias que foram paulatinamente repetidas pelo estado de acordo com suas necessidades. É muito provável que o governo de Bolsonaro inaugure um novo período de governos totalitários na América do Sul, como em 1964 o golpe militar no Brasil dava início à Operação Condor¹. Diferente desse período, estes governos estão ascendendo supostamente dentro do marco democrático, e dizer supostamente, é por saber que esses marcos são definidos pelos poderosos e, por sua vez, os violam sempre que lhes for conveniente. Um caminho que hoje leva à uma crescente popularidade personagens políticos como José Antonio Kast no Chile e Alfredo Olmedo na Argentina, com um perfil muito semelhante ao de Bolsonaro.

¹ “A Operação Condor foi uma campanha promovida pelos Estados Unidos de repressão política e terror de Estado envolvendo operações de inteligência e assassinato de opositores. Foi oficial e formalmente implementada em novembro de 1975 pelas ditaduras de direita do Cone Sul.” (Wikipedia) [N.T.]

Quem é Bolsonaro?

Jair Messias Bolsonaro é um militar aposentado do exército, que iniciou sua carreira política em 1989 como conselheiro na cidade do Rio de Janeiro e, posteriormente, deputado federal pelo estado do Rio, cargo que ocupou por 27 anos, sendo eleito 7 vezes. Como militar teve formação na Academia das Agulhas Negras, além de ter servido na Brigada de Infantaria Paraquedista, teve períodos turbulentos por se envolver constantemente com reivindicações por melhores salários para os militares, chegando a ser preso mais de uma vez por curtos períodos. Em 1988, deixa o exército com a patente de capitão.

Como político não teve muita produtividade, tendo aprovado dois projetos em 27 anos e sua área de influência foi sempre a cidade e o estado do Rio de Janeiro, sendo bastante inexpressivo em nível nacional. Em um período político onde primava no discurso dominante o apelo à democracia, à suposta diversidade de pensamento, onde se olhava ao governo militar de um lugar de superação em um caminho aos direitos humanos, foram os discursos e posturas de Bolsonaro (defendendo abertamente a tortura e a ditadura militar, além de fazer uma visível apologia à homofobia, ao racismo e à misoginia em repetidas oportunidades ao longo dos anos) os que o tornaram conhecido nacionalmente.

Certamente, em nível global, o que mais impressiona da ascensão de Bolsonaro como personagem político, é a aparente velocidade com que suas ideias e discurso ganharam força. A informação construída pelo poder joga com essa incapacidade de análise histórica, busca anular cada mínimo sinal de qualquer construção de uma memória coletiva, fazendo assim com que processos que na realidade são a conclusão do desenvolvimento de uma infinidade de situações e contextos, pareçam repentinos.

As tensões políticas e sociais que se desenvolveram no Brasil nos últimos 16 anos, primeiramente durante o governo do PT (Partido dos Trabalhadores) e, após a destituição de Dilma Rousseff, o do MDB

(Movimento Democrático Brasileiro), foram o caldo de cultivo para o fascismo.

A escandalosa crise política, gerada com o conhecimento de alguns dos esquemas de corrupção do Partido dos Trabalhadores e seus aliados, sobretudo emoldurada na chamada “Operação Lava Jato”, alimentou a popularidade da direita. Vale a redundância de falar de políticos e empresários roubando, mas vale ressaltar aqui o papel fundamental dos meios de comunicação na construção desse imaginário, que, de acordo com o interesse político, bombardeia de denúncias um setor, favorecendo assim seus opositores. Em um país cheio de nostálgicos da ditadura, também significou uma acentuação na popularidade dos militares, já que os mesmos sempre desfrutaram de uma imagem de incorruptíveis, não com base em fatos, obviamente, mas na censura e no controle que tiveram dos meios.

A mão dura da segurança...

A segurança pública tem sido outro dos pilares fundamentais na ascensão do “novo” regime, que também se diz estar em crise. Historicamente, o Brasil tem sido uma referência na América do Sul de políticas de segurança, tudo sob uma bandeira de guerra ao crime organizado, que maneja um alto nível de poder bélico e de controle territorial, o que publicamente é gerido como um “poder paralelo”. Sem necessidade de aprofundar, apenas apontar que obviamente de paralelo não tem muito, sendo super funcional ao Estado, a suas políticas repressivas e ao imaginário cidadão que pede mais polícia.

É o altíssimo nível de miséria um dos grandes propulsores da violência e é a pobreza e a insatisfação que eles querem controlar. O processo gradual de militarização dos bairros pobres, das favelas, em nenhum momento desacelerou, apenas acentuou ano após ano. A cidade do Rio tem sido a ponta de lança nessas experiências, por sua importância política e econômica e pelo nível de conflito armado que existe ali entre forças de segurança e o crime organizado, culminando

com o decreto em fevereiro deste ano da intervenção federal militar no estado do Rio por parte do presidente Michel Temer, fato único na democracia.



Nisto há um marco em torno da ideia de que uma mão dura é necessária para solucionar este problema, o que culmina com o aumento da popularidade de Bolsonaro e dos militares em geral, o que se pode sentir com muita força na greve dos caminhoneiros, no mês de maio de 2018, setor historicamente de direita (como no Chile), onde uma de suas principais reivindicações foi a intervenção militar a nível nacional. Vale lembrar que além de Bolsonaro, seu vice-presidente Hamilton Mourão e sete de seus ministros são militares.

Além disso, a postura de Bolsonaro em relação ao porte de armas pelos cidadãos, contribuiu muito para o seu sucesso, já que pretende voltar atrás com a política de desarmamento que havia no Brasil, ao tornar mais fácil o acesso às armas pelos “cidadãos de bem”. Entre as várias imagens do circo de horrores que foi sua eleição, chamava a atenção a quantidade de vídeos de gente exibindo suas armas em vias públicas, comemorando a vitória de Bolsonaro e o “fim da festa para xs delinquentes”.

Deus acima de tudo...

A religião tem sido outro dos bastiões da ascensão do fascismo no Brasil, o país com mais católicos no mundo e o segundo com mais cristãos. Um suposto país laico que efetivamente nunca separou Deus e o Estado, já que é a continuidade do processo de 518 anos de colonização da região. Atualmente, são especificamente setores da igreja evangélica

e seu braço no congresso, a chamada “bancada evangélica”, os que foram imprescindíveis para a eleição de Bolsonaro.

Vale ressaltar que esse mesmo setor político foi importante nas tensões que hoje constroem esse contexto, por exemplo, o então presidente da câmara dos deputados e pastor evangélico Eduardo Cunha foi quem liderou o processo de destituição da ex-presidente Dilma Roussef. Foi também esse setor que, defendendo sua moral religiosa, esteve tratando de impedir a aprovação de qualquer projeto relacionado ao que eles chamam de “ideologia de gênero” e à diversidade sexual. A homofobia tem sido uma importante tônica nesse quadro, que tem ganhado um apoio político mais forte que em outros momentos, e vale lembrar que, além de seus méritos com a quantidade de cristãos, o Brasil “ganha o troféu” do país com mais assassinatos de pessoas trans no mundo.

A maior prova dessa consolidação da relação do governo e da igreja evangélica é que a eleita para o recém-criado ministério da família, da mulher e dos direitos humanos foi a pastora Damares Alves, que é conhecida por aparecer publicamente defendendo ardentemente a moral cristã, condenando veementemente o casamento homossexual, e o direito ao aborto, que no Brasil existe para vítimas de estupro e quando há risco de vida para a mãe. Entre seus polêmicos projetos está a chamada “bolsa-estupro”, onde pretende conceder um pagamento mensal às gestantes que foram estupradas e que decidem ter seus filhos.

Além disso, outro dado preocupante sobre dito ministério é que a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), órgão que anteriormente estava vinculado ao Ministério da Justiça, passará a ser vinculado a esse novo ministério, o que implicará que seja apoiado pelo estado, entre outras atrocidades, a evangelização dos povos originários, o que até agora estaria apoiado por uma lei que proíbe a construção de igrejas em território indígena. Também no currículo da ministra está a acusação de que uma ONG pertencente a ela, a ATINI, seria a responsável pelo sequestro de crianças indígenas, sob o pretexto de protegê-las do infanticídio praticado por algumas etnias.

Um dos elementos da popularidade de Jair Bolsonaro que tem impressionado é o fanatismo e a idolatria que assumiu grande parte de seus seguidores, o que muito se relaciona com a religião, mas que também mostra uma profunda semelhança com o fanatismo fascista de outros tempos. O endeusamento que hoje vive Bolsonaro no Brasil em muitos aspectos é bastante semelhante ao que viveu Adolf Hitler na Alemanha nazista. Como Bolsonaro, tanto Hitler como Mussolini chegaram ao poder pela via democrática.

A influência do Tio Sam

Como no passado a Operação Condor foi orquestrada em uma coordenação entre os governos da América do Sul e os Estados Unidos, hoje a nova onda de governos totalitários também o é, usando ferramentas distintas, mas com um mesmo desejo: assegurar seu controle territorial e econômico.

O desenvolvimento tecnológico elevou consideravelmente as possibilidades de manipulação, o que fez com que não fossem necessários os golpes militares de outrora. Por isso, dentre todas as cartas que tinham na manga, houve uma que os fez ganhar o jogo: as redes sociais.

Para esta façanha, foi importante o papel de Steve Bannon, o ex-estrategista chefe da Casa Branca no governo de Donald Trump e também uma das cabeças de sua campanha. Esse nefasto personagem, um militar aposentado de alta patente da Marinha estadunidense, ex-banqueiro de investimentos, junto ao também bilionário da extrema direita Robert Mercer, desenvolveram um método de campanha baseado nas redes sociais. Para isso, contrataram empresas de informática que, tendo acesso aos dados de redes sociais por meio de algoritmos, puderam traçar um perfil dos setores da sociedade férteis à sua propaganda, onde tiveram muita importância as chamadas “fake news”

que, através de informações falsas, contribuíam mais para arruinar a popularidade de seus oponentes.

Isso ajuda a explicar, por exemplo, que um empresário sem trajetória política e com pouco apoio dos meios de comunicação seja hoje o presidente da nação mais poderosa do mundo. Depois do afastamento de Bannon da Casa Branca, ele viajou pelo mundo apoiando com seus métodos diferentes movimentos e partidos de extrema direita, entre eles Bolsonaro, que teve sua campanha e seu êxito fundamentalmente baseada no uso das redes sociais e das “fake news”.

Chicago Boys

A doutrina neoliberal aplicada por Pinochet no Chile é a grande referência para o governo de Bolsonaro a nível econômico. Os senhores que ocuparão alguns dos cargos mais importantes da gestão econômica estão vinculados à Universidade de Chicago e às ideias de Milton Friedman e Arnold Harberger, entre eles está o ministro da fazenda (economia) Paulo Guedes, que, além de sua formação na Universidade de Chicago, também exerceu um cargo de docente em tempo integral, na Universidade do Chile, na ditadura militar. Também o novo presidente do Banco do Brasil, Rubem Novaes, e o novo titular do banco estadual de desenvolvimento BNDES, Joaquim Levy.

A rédea solta para o livre mercado é a tônica dessa gestão, onde não haverá limites para enriquecer o país. Essa projeção econômica implica em um enorme agravamento da destruição do território, um verdadeiro massacre, já que o governo voltará atrás com todo tipo de restrição que existe para as monoculturas, a pecuária, a implementação de mineração e de projetos de geração de energia. De fato, vale ressaltar que um dos bastiões de apoio à eleição de Bolsonaro no congresso foi a chamada “bancada ruralista”, setor político que defende os interesses dos grandes proprietários de terras.

A intensificação da repressão

Pode-se observar a acentuação das políticas repressivas com a ascensão do novo governo, primeiramente vale ressaltar o que se poderia chamar de repressão cidadã, o que se intensificou muito desde o primeiro turno das eleições no Brasil, sobretudo baseada nas posições morais e na política de armar os cidadãos. Isso foi muito bem ilustrado nas ondas de violência que houveram no final do primeiro turno e no momento da vitória, que tiraram a vida de mais de 10 pessoas e onde houve incontáveis casos de agressões de diferentes matizes e intensidades, nos quais o alvo tem sido especialmente as chamadas “minorias”, dissidências sexuais, negrxs e opositorxs de seu governo.

O primeiro assassinado pelo novo regime e seus seguidorxs cegxs foi Moa do Katendé, que na noite do primeiro turno das eleições discutiu com um eleitor do Bolsonaro em um bar, o qual foi até sua casa, pegou uma faca e assassinou Moa covardemente com 12 facadas nas costas. Moa era uma referência, um guardião da cultura de matriz africana em Salvador-Bahia, reconhecido mestre de Capoeira Angola e criador do bloco de afoxé “Amigos do Katendé”. A morte de Moa foi um marco na história recente da luta contra o fascismo, e sua memória foi reivindicada por diferentes ambientes de luta, inclusive pelxs companheirxs anarkistas.

Dentro dessa mesma onda de violência, um fator que não pode passar despercebido é o aumento da violência e da brutalidade policial protegida pelas posições do novo governo. Foram numerosos os casos de violência policial contra opositorxs de Bolsonaro, entre espancamentos, torturas físicas e psicológicas, na maioria dos casos com uma clara apologia ao novo presidente e à volta de uma gestão explicitamente militarizada. A polícia do Brasil, conhecida por sua brutalidade e por sua produtividade de mortes (os números oficiais em cidades como Rio e São Paulo falam de 500 a 600 pessoas mortas no ano) festeja com um presidente que quer lhes dar carta branca para matar, o que deixou claro em vários momentos e que se ilustra bem com sua frase: “Um policial que não mata não é policial”.

Certamente os setores mais atingidos pela repressão serão xs indígenas, quilombolas², camponesxs sem terra e todxs xs que estejam lutando pelo território. Como já mencionado, a gestão deste governo anda de mãos dadas com os proprietários de terras, ampliando suas possibilidades de exercer o controle por meio da força em uma região banhada com o sangue da luta pela Terra. Em meio às “comemorações” pela vitória de Bolsonaro, se registraram pelo menos 3 ataques armados a acampamentos sem terra e aldeias indígenas e, mais recentemente, dois militantes do MST (Movimento dos trabalhadores Sem Terra) foram assassinados por capangas em um acampamento, o que não é uma prática nova, mas um anúncio seguro de um aumento na intensidade desses ataques. Entre os projetos de Bolsonaro para armar os cidadãos, está o de liberar armamento de guerra para os proprietários de terras, como o uso de fuzis 7.62.



Outro dado importante de mencionar sobre a política desse governo em relação aos povos indígenas é o seu argumento sobre parar de “isolar os índios”, parar de “tratá-los como diferentes”, essa ideia de tratar xs indígenas como qualquer outro cidadão implica em retroceder em praticamente todos os processos de homologação e demarcação de terras, remover qualquer restrição para que explorem as terras desses povos, o que, muito além de concessões do Estado, foram conquistadas pela luta. Os grupos não

² Quilombolas é como são conhecidas as comunidades negras que são descendentes dos quilombos, comunidades autônomas formadas por negrxs que se rebelaram contra sua situação de escravxs, escaparam e, a partir desses núcleos, faziam guerra ao sistema escravista, resgatando outrxs negrxs, sabotando fazendas, queimando plantações, roubando armas e assassinando os senhores, capangas e demais lacaios. O primeiro e maior quilombo foi o de Palmares, que durou cem anos. Em países de língua espanhola, xs negrxs quilombolas eram conhecidos como “*cimarrones*”.

contatados, por exemplo, antes dessa política, poderiam em poucos anos deixar de existir.

O fantasma do terrorismo

Além das hipotéticas e verdadeiras diferenças morais, devemos sempre reconhecer que muitos dos projetos do fascismo não são nada mais do que a continuidade e aprofundamento dos projetos dos governos anteriores, de esquerda e direita, frequentemente os progressistas jogam com o duplo discurso e com uma política de dupla face, o fascismo joga descaradamente, reafirmando o que estava oculto no discurso da esquerda. Estes projetos militares, econômicos ou territoriais, não falam apenas da estratégia aplicada à gestão do Estado, refletem os interesses do capital internacional e do poder em um nível que vai muito além de um único território.

Como em outros países, a lei antiterrorista será um dos pilares fundamentais da repressão política, pois sua aplicação implica duras sentenças, isolamento e dispersão³. Elaborada como uma estratégia para combater a possibilidade de ataques na Copa do Mundo (2014) e nas Olimpíadas (2016), foi aprovada em março de 2016, sob o governo de Dilma Rousseff. Nesse mesmo ano, a polícia federal deflagrou a “operação hashtag”, prendendo cerca de 15 pessoas por seus supostos vínculos com o Estado Islâmico e o planejamento de ataques nas Olimpíadas. No ano seguinte, 8 dessas pessoas foram condenadas entre 5 e 16 anos sob a lei antiterrorista.

³ O sistema carcerário no Brasil conta com um dos regimes mais duros de isolamento na América do Sul, o RDD, Regime Disciplinar Diferenciado, geralmente aplicado aos chefões do crime organizado, sendo que nenhum preso passou mais de 2 anos lá, com exceção do prisioneiro político Mauricio Hernandez Norambuena, o comandante Ramiro, que depois de 16 anos, apenas agora em dezembro de 2018, lhe concederam a transferência ao regime carcerário comum. Também aos presos em cárceres federais é aplicada constantemente a dispersão, distanciando-os milhares de quilômetros de seus lugares de origem.

O que é importante observar neste caso, além do fato de que foi a primeira aplicação efetiva da lei antiterrorista no Brasil, é que as condenações foram baseadas unicamente em conversas nas redes sociais, o que nos diz muito sobre a estratégia que pode ocupar a repressão em um regime no qual expressar sua discordância será cada vez mais perseguido.

Tanto Bolsonaro como seu ministro da justiça, o juiz Sergio Moro, que foi quem julgou a operação “Lava-jato”, já expressaram publicamente sua disposição e urgência em endurecer a lei antiterrorismo, estando entre suas propostas para isso a tipificação da ocupação de terra e de edifícios como atos terroristas e a aplicação de sanções mais duras para o crime de financiamento de organizações terroristas. O objetivo é claro: poder exercer condenações muito mais duras contra qualquer um que ouse posicionar-se em conflito aberto com o atual governo.

Além da lei antiterrorista, mais duas leis cumprem um papel semelhante: a lei de segurança nacional, que surgiu na ditadura militar, de tônica muito semelhante à antiterrorista, mas talvez menos atualizada, e que em tempos recentes tentaram aplicar contra pessoas detidas nas revoltas de junho de 2013 e, algumas semanas atrás, contra um estudante, que estaria sendo investigado sob esta lei por ter ameaçado o futuro presidente de morte nas redes sociais. Também a lei das organizações criminais, que historicamente tem sido usada para membros do crime organizado, poderia facilmente adaptar-se à sua aplicação em organizações políticas.

E o que acontece com xs anarkistas?

Após as revoltas de junho de 2013, houve uma importante intensificação na atividade anárkika, das chamadas da destruição deixada por este mês uma infinidade de iniciativas construtivas brotou. Coletivos, espaços, atividades, iniciativas solidárias para os que sofreram perseguição pelos acontecimentos de junho, ataques explosivos e

incendiários, o aparecimento de encapuzados e excessos cada vez mais constantes nos protestos.

Diante da repressão da esquerda, houve uma forte afirmação de iniciativas autônomas de luta, que obviamente não surgiram nesse momento, mas que ganharam muita força no calor desses dias.

Juntamente com essa atividade, a repressão também avançou, em seus métodos e em seu conhecimento frente a umx inimigx aparentemente novx. A turbulência nas ruas nos últimos anos viu um último momento de pico nos protestos contra o atual presidente Michel Temer, entre o final de 2015 e o início de 2017. Depois disso, essa intensidade foi gradualmente diminuindo, o que se pode analisar a partir de muitas subjetividades, mas que é difícil encontrar respostas objetivas. Entretanto, além dessas explosões mais numerosas, nunca deixou de existir núcleos indomáveis que seguem lutando contra a dominação. Esse fato não exclui a necessidade de que sejamos realistas e que a chegada do fascismo pegou muitxs companheirxs tirando uma soneca, justamente o momento que vivemos é de uma baixa mais intensa na atividade anarkista, de dispersão e também de recentes eventos repressivos (operação Érebo em Porto Alegre e condenação dxs 23 no Rio).⁴

Também é impossível não mencionar o fenômeno que ocorreu diante da iminente chegada do fascismo, atordoadxs pelo terror e pela falta de panorama e iniciativa em se auto organizar, muitxs anarkistas não apenas votaram no PT, mas também fizeram campanha em suas redes sociais numa espécie de estratégia para barrar o fascismo.

O terror gerado pela aproximação de um governo com o nível de brutalidade e repressão como o de Bolsonaro é completamente compreensível, mas a falta de memória não é. Esquecer o que significou a repressão e a perseguição da esquerda, não só para xs anarkistas, mas para diferentes ambientes de luta, esquecer a militarização, os megaprojetos de devastação da Terra, os megaeventos, os despejos massivos, para converter-se em massa de manobra de seu asqueroso

⁴ Ver “Publicação informativa sobre a Operação Antianárquica Érebo em Porto Alegre – Um convite para o debate”, disponível em: <https://pt-contrainfo.espiv.net/2018/03/04/brasil-publicacao-informativa-sobre-a-operacao-anti-anarquicaerebo-em-porto-alegre-um-convite-para-o-debate/> [N.T.]

projeto político. Há uma falta de análise, o que é surpreendente, vindo de pessoas conscientes do que significa a farsa eleitoral, acreditar que a ascensão do fascismo será resolvida em uma eleição.

Para além disso, a primeira grande batalha que xs companheirxs terão de enfrentar é sobreviver, também pouco a pouco vão brotando pequenas, mas válidas, iniciativas que vão atijando a chama da anarkia diante de um contexto tão adverso.

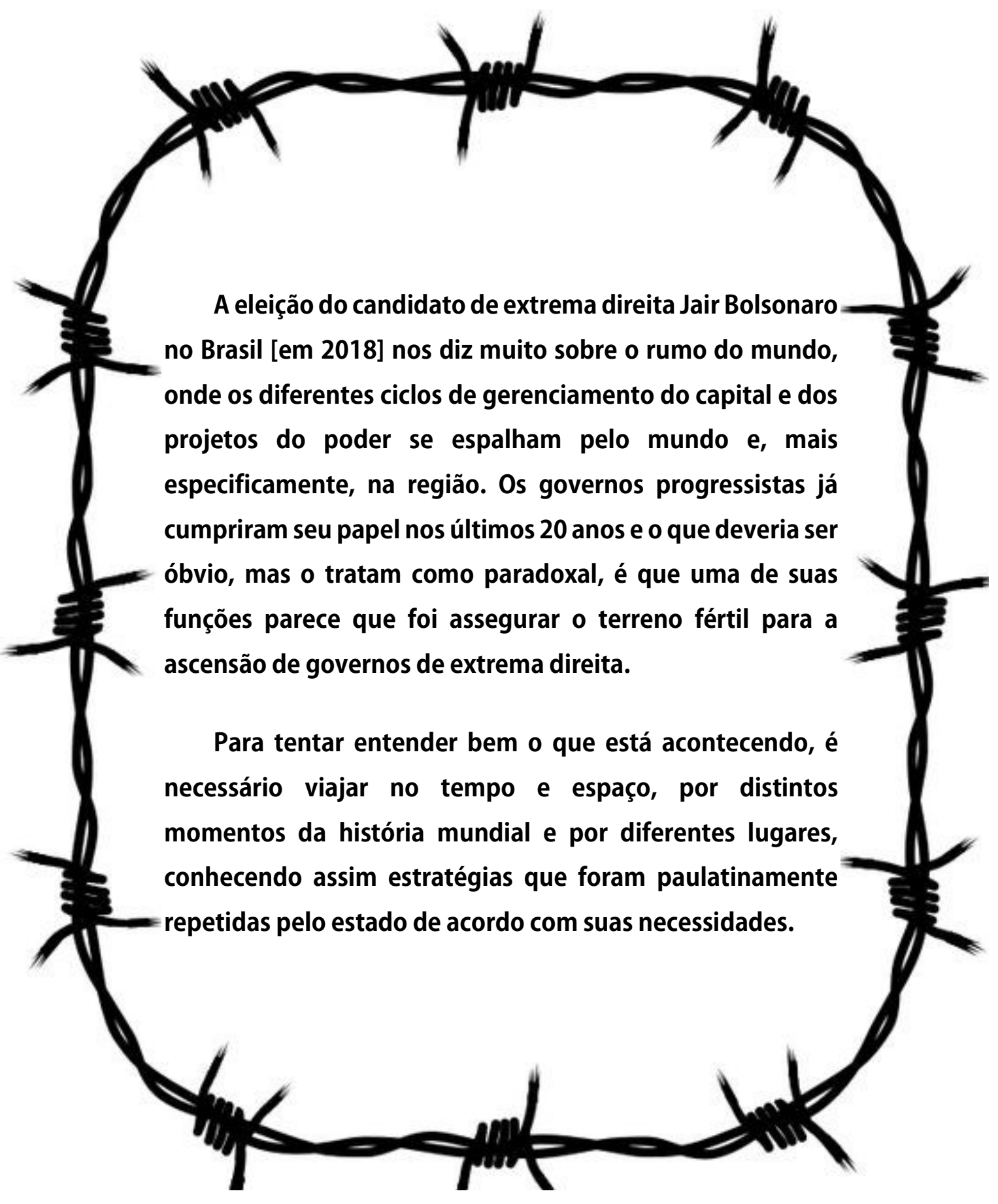
Existem muitas inspirações, mas não existem receitas para lutar contra algo que nossa geração ainda não viveu; certamente será a mesma experiência que vai dando forma a essa história. Também há sensações importantes a mencionar, antes de tudo, a necessidade de se juntar, olhar um para o outro e, de alguma forma, superar o desinteresse e o medo de se organizar para enfrentar essa situação, também diante da força do inimigo, expandir-se além de nossos círculos, construindo laços e unindo esforços, quando possível, principalmente na defesa do território e na empatia pela Terra.

A memória em nosso coração e a criatividade em nossas mãos serão os meios para seguir destruindo esse mundo e garantindo nossos sonhos.



Instagram: @anarkadistra

anarkadistra@noblogs.org



A eleição do candidato de extrema direita Jair Bolsonaro no Brasil [em 2018] nos diz muito sobre o rumo do mundo, onde os diferentes ciclos de gerenciamento do capital e dos projetos do poder se espalham pelo mundo e, mais especificamente, na região. Os governos progressistas já cumpriram seu papel nos últimos 20 anos e o que deveria ser óbvio, mas o tratam como paradoxal, é que uma de suas funções parece que foi assegurar o terreno fértil para a ascensão de governos de extrema direita.

Para tentar entender bem o que está acontecendo, é necessário viajar no tempo e espaço, por distintos momentos da história mundial e por diferentes lugares, conhecendo assim estratégias que foram paulatinamente repetidas pelo estado de acordo com suas necessidades.